



## **ALTERNATIVAS DIDÁTICAS E PARA ALÉM DAS ALTERNATIVAS: OS USOS DAS TECNOLOGIAS MIDIÁTICAS NO ENSINO**

Sayara Francielle Camara Pimentel Santos; Samantha Grasielle Camara Pimentel.

*Universidade Federal de Pernambuco*  
[sayarapimentel@hotmail.com](mailto:sayarapimentel@hotmail.com); [samanthacpimentel@hotmail.com](mailto:samanthacpimentel@hotmail.com)

Resumo: este trabalho propõe uma sucinta reflexão sobre os usos das tecnologias no ensino, mais especificamente das tecnologias midiáticas, enquanto e, para além de alternativas didáticas que promovem melhor aproveitamento do conteúdo e favorecem uma aprendizagem eficaz. Consideramos que dialogar sobre as práticas educativas para fortalecer a adequação entre o conteúdo e apropriação dele, é fulcral na superação das insuficiências metodológicas e das limitações que se colocam diante do processo de ensino-aprendizagem. Porém, à parte das questões de cunho metodológico, situaremos esta discussão no sentido de encarar como as tecnologias midiáticas se constituem enquanto conhecimento independente, ou seja, enquanto tema principal de uma aula. Exploramos, neste sentido, possibilidades heterodoxas de pensar o trabalho docente em ajuste com a formação educativa na atualidade, isto é, considerando as transformações que estruturam a sociedade e que adentram nos debates da escola através do conhecimento prévio dos alunos. Discutimos, assim, a capacidade da mídia de promover maior apreensão de conceitos e conteúdos a partir da associação entre o absorvido na recepção e o reconhecimento, essa é uma tendência muito presente na realidade dos alunos, uma vez que se apropriam de inúmeras tecnologias midiáticas e levam esse conhecimento para as aulas no intuito de exemplificar ou tirar dúvidas. Outra questão fundamental a considerar é que a mídia contribui, de maneira mais intensa que a escola, para fomentar o senso crítico dos alunos. Visamos, ao considerar o papel das tecnologias midiáticas, acalorar os debates futuros sobre a educação, evidenciando as implicações para a aprendizagem, e questionando, implicitamente, como promover o ensino sem considerar as facetas e conjunturas da atualidade.

Palavras-chave: Aprendizagem, ensino, tecnologias midiáticas, alternativas didáticas.

### **Introdução**

O aporte teórico, apesar de ser via de regra em toda prática educativa, não é o único fator por excelência a ser considerado nos processos de ensino-aprendizagem, os teóricos<sup>1</sup> da epistemologia da educação reconhecem que o fazer docente precisa refletir também sobre tudo que envolve tais processos, ou seja, o meio que possibilita alcançar o fim, em outras palavras, a construção efetiva do conhecimento. A metodologia passa a ser a maior preocupação. Neste sentido, visando alternativas para a construção e a fixação do conhecimento, as metodologias empregadas e conseqüentemente a avaliação da aprendizagem, revelam-se como os principais vetores de atenção dos professores, se impondo a eles no desempenho de sua função.

<sup>1</sup> Dentre os autores, considerar: LIBÂNEO, José Carlos. 1994. **Didática**. São Paulo: Cortez;



A escolha dos docentes muitas vezes é por metodologias<sup>2</sup> tradicionais, como o método expositivo, ao selecionar este método como ponto de partida o professor se torna facilitador da aprendizagem, cabendo a ele a transposição do conteúdo. Entretanto, dependendo do suporte pedagógico selecionado, incluindo os materiais auxiliares na exposição do conteúdo, a metodologia passa a ser repensada, priorizando-se as aulas práticas e dinâmicas, conforme prega a perspectiva construtivista de educação. Segundo essa perspectiva, o conhecimento é construído pelo aluno, respeitando seu próprio tempo, e o professor torna-se um mediador no processo. Essas, no entanto, são maneiras de adequar determinados conteúdos à realidade da sala de aula, possibilitando a absorção pelos alunos e facilitando o trabalho do professor. É, sobretudo, uma questão fundamentalmente metodológica.

Quando se trata de pesquisa-ação, de estudos midiáticos ou de televisionar um filme em sala de aula, as ferramentas tecnológicas que possibilitam o aprendizado por meios práticos e dinâmicos, são usadas como suporte ou recurso complementar, muitas vezes como metodologia e não como temas independentes da aula. O desafio das universidades através de disciplinas como as de Metodologia e de Novas Tecnologias da educação é justamente reverter o reducionismo que centra as novas tecnologias e as ferramentas atuais de ensino apenas como um auxílio no trabalho docente. Com isso, não chamamos a atenção para a tecnologia a serviço do conhecimento, mas para a tecnologia enquanto conhecimento.

Nossa discussão propõe refletir como as tecnologias, especialmente as midiáticas<sup>3</sup>, que em alguma medida faz parte do conhecimento prévio dos alunos, não é plenamente utilizada a favor da educação e ainda suscita críticas e resistências sobre sua aplicabilidade no ensino. Explorar essa questão em relação às práticas educativas é de extrema importância, pois a mídia está em voga na vida dos alunos e possibilita o conhecimento através da “recepção” (TOSCHI, 2004) e do reconhecimento. É sabido que a maioria das instituições formadoras, principalmente as públicas, não dispõe de infraestrutura adequada e tão pouco de ferramentas tecnológicas, no entanto, é preciso estar preparado para lidar com as adversidades e carências das instituições, pois a tecnologia pode não estar presente na sala de aula, mas faz parte da vida dos alunos fora dela.

Além disso, devemos ponderar a respeito do que entendemos por tecnologia, uma vez que ela sempre é associada ao que existe de mais novo em termos de equipamento e máquinas. Quando os professores cogitam sobre o uso das tecnologias nas suas práticas

---

<sup>2</sup> Sobre metodologias, métodos e perspectivas educacionais, ler os autores acima supracitados.

<sup>3</sup> Recorremos aos termos tecnologias midiáticas e mídia, indistintamente.



educativas, logo pensam sobre as carências estruturais da escola, a respeito da sociedade de informação, dos processos de industrialização e os impactos negativos para a vida, minando assim, possibilidades de utilizá-las eficazmente. Toschi (2005, p. 36), numa referência direta ao que devemos considerar por tecnologia, destaca que “o conceito de novo e de novíssimo depende de um referente”. Tecnologia, como sugere a autora, “não são apenas aparelhos, equipamentos, não é puro saber-fazer, é cultura que tem implicações éticas, políticas, econômicas, educacionais” (TOSCHI, 2005, p. 36).

Pensar a tecnologia como uma abordagem independente é mais que usá-la como alternativa didática colaborativa, é fazer dela a possibilidade de superar limitações ou construções fragmentadas do conhecimento, a mídia, por sua vez, tida como uma extensão da tecnologia, coloca-se como meio propagador, o que queremos dizer é: a tecnologia midiática é conhecimento na medida em que propagada e difunde. “À noção de tecnologia como produção cultural, como técnica que se estuda e aprende, acrescenta-se a compreensão de meio que emite mensagens – mídia” (TOSHI, 2005, p. 37).

Assim, mídia não se confunde com recurso, com equipamento, por mais sofisticado e atual que seja, mas refere-se a meio tecnológico portador de conteúdos e, portanto, de sistemas simbólicos. Essa diferenciação é particularmente importante para refletir sobre as tecnologias midiáticas nos processos educativos. (TOSCHI, 2005, p. 37)

Neste sentido, quando se ministra aulas onde o intuito é fazer os alunos compreenderem determinados conteúdos através da recepção pela mídia, aproximando-os da realidade vivida, as tecnologias midiáticas tornam-se fundamentais para a apropriação desses traços e justificam esse debate.

## **Metodologia**

Toschi (2004) sugere que tratemos na escola aquilo que denomina “educação para as mídias” como uma ferramenta de estudo essencial e fértil para os alunos da atualidade. Apesar de focar sua análise nos aspectos de recepção sobre a televisão e os impactos das tecnologias para a educação, a autora demonstra a urgência em incorporar a mídia nas instituições de ensino, defendendo que refletir sobre a comunicação, sobre os discursos transmitidos e as contradições presentes neles, é um campo de prósperos desvelamentos. Para a autora, a reflexão permite a construção do conhecimento através da análise crítica das diferentes propostas apresentadas pelos aparelhos de comunicação.

Corroborando com Toschi (2005), queremos dizer que há na mídia a possibilidade de apreensão de significados e conceitos. A associação



entre o vivido e o recepcionado responde sobre realizações pedagógicas atrativas no processo de ensino- aprendizagem e estabelece mais que uma condição de retorno ente aluno, professor e conteúdo, é, antes disso, conhecimento que se fundamenta e tem aplicabilidade na sociedade. Por seu caráter associativo em relação ao que é experimentando na realidade social, a mídia facilita a absorção dos conteúdos. Ao introduzir temas recorrentes propagados pelas tecnologias midiáticas como pauta principal de uma aula, como conhecimento factual, o intuito é refletir a cerca de sua utilização para a construção do saber diante da conjuntura atual da educação, sempre procurando adequar as práticas educativas às mudanças sociais que reverberam na educação.

Outro ponto a ser sublinhado refere-se às instâncias e sistemas sociais complexos, onde as tecnologias midiáticas não só possibilitam a aprendizagem, como são, em si, um instrumento importante para a explicação de fenômenos de várias áreas de conhecimento, promovendo o diálogo transversal e interdisciplinar. Por possuir amplos aparatos de transmissão e que circula por diversas plataformas (televisão, rádio, revistas, internet), a mídia é muito utilizada para exemplificar situações sociais dentro de estudos e disciplinas que investigam humanidades e comportamentos. Essa é uma questão significativa, pois versa sobre a recepção pela mídia, mais pontualmente sobre as produções consideradas de entretenimento que são responsáveis pela interiorização de mensagens pelos expectadores.

Novelas, seriados e afins, são algumas das produções televisivas mais assistidas pelos alunos e utilizadas por eles à título de exemplo em aula, os alunos se reportam a essas tecnologias midiáticas muitas vezes para compreender a conjuntura política, determinados processos históricos, ou para entender processos biológicos através de uma encenação hospitalar. Quando essas situações ocorrem em sala de aula, nos faz reconhecer que os alunos aprendem também fora das instituições formais, uma vez que “fora da escola, há também outras educações, outras aprendizagens, outros tipos de ensino” (TOSCHI, 2005, p. 40).

Ao ponderarmos sobre essas implicações enxergamos o quanto elas podem, por outro viés, ser problemáticas para uma coerente construção do conhecimento, pois alunos que tem dúvidas e questionamentos respondidos, à priori, por tecnologias midiáticas ou qualquer outro meio, que não o escolar, estão sujeitos não só, mas minimamente a má compreensão. É por essa e outras razões, pelas quais não necessitamos nos estender aqui, que precisamos incorporar nas nossas práticas educativas a utilização das tecnologias midiáticas, pois além do que já foi mencionado, elas têm a capacidade de fomentar o senso crítico nos alunos mais rapidamente que a escola.



Fischer (2002) nos traz uma análise das formas de veiculação da mídia televisiva voltada à educação, propondo que nos atentemos aos discursos que estão embutidos em imagens, sons e textos imputados pela mídia como representações não acabadas. A autora sustenta que ao mesmo tempo em que a mídia nos diz algo através do seu discurso, também respondemos e fornecemos materiais característicos para a transformação da mídia na atualidade.

Mais do que isso, proponho que nessa análise do discurso se busquem os enunciados de certos discursos, de certos regimes de verdade, próprios de uma época, produzidos, veiculados e recebidos de formas muito específicas, que falam de um certo tempo e lugar, que falam de determinadas relações de poder, que produzem sujeitos de uma certa forma. Interesse-me especialmente pelos enunciados daquelas discursividades que tenham presença ou repercussão significativa no campo da educação: refiro-me a determinados modos de existência propostos na mídia a crianças, a jovens, a educadores, modos que não se separam de modos de enunciação, de práticas de linguagem, de celebração de certas verdades tomadas hegemônicas. (FISCHER, 2002, p. 84)

A fala de Fisher propõe a problematização do que os alunos tomam para si através da mídia, nos coloca diante do poder de confrontação entre o que se absorveu e o que é praticado, uma vez que o exercício de ver, colocamos aqui também o de escutar e reproduzir determinadas atitudes tidas como conhecimento, têm uma implicação maior, recai sobre a sociedade, por isso as tecnologias midiáticas devem ser repensadas para inserção nos currículos. Promover uma aula onde os alunos sentem a realidade sendo abarcada, onde eles enxergam a possibilidade de aplicar os conhecimentos fora da sala de aula, é pensar e responder positivamente aos impasses, choques e desencontros que se antepõem entre o aluno, o conteúdo, a apropriação deste e o professor.

Ainda que se trate de formas heterodoxas de promover o ensino e ainda que haja dificuldades no processo de inserção das tecnologias midiáticas como conhecimento, mesmo que estudada dentro de uma abordagem mais ampla, colocamos que essas tecnologias estão a serviço do professor em função da aprendizagem do aluno, isto é, não se trata de tecnologia a serviço da tecnologia, nem da promoção da racionalidade tecnológica, mas do seu estudo em função de objetivos didáticos bem delineados. Tecnologias essas que não correspondem a dispersão dos alunos, mas que são utilizadas no favorecimento do crescimento e sucesso escolar deles.

Voltando nossa atenção especialmente às tecnologias midiáticas, é preciso se atentar para o fato de que nos processos tecnológicos somos relativamente equivalentes, no sentido de que usamos tecnologias midiáticas, então “hoje, todos, professores e alunos, são aprendentes e ensinantes, ao mesmo tempo, e essa



compreensão requer processos comunicativos não-coercitivos, horizontais, circulares, não-lineares” (TOSCHI, 2005. p.39). Utilizar novela, filme, música, redes de comunicação, jornais, revistas, etc, não é outra coisa, quer queira, quer não, além de fazer uso da mídia. Situar os alunos durante a aula com algum exemplo que é expressão direta das tecnologias midiáticas é reconhecer que as mudanças acontecem fora da escola, que antecedem até as próprias mudanças estruturais e o pensamento escolar, e que essas mudanças também chegam para as instituições formadoras em algum momento. Sendo assim, não se pode evita-lo ou ignora-lo.

A escola (como se diz) poderia beneficiar-se e aumentar sua eficácia reutilizando as habilidades adquiridas pelos alunos em outra parte: a velocidade do feeling proporcionada pelo videogame; a capacidade de compreensão e resposta frente a uma superposição de mensagens; os conteúdos familiares e exóticos oferecidos pela mídia. (SARLO, 2004, p. 114)

Ao questionar o lugar que a escola tem na atualidade, enquanto instituição formadora fundamental, temos que relativizar as práticas educativas que se sucedem. Procurando adequar a educação que se deseja com a realidade dos alunos, da escola e do mundo ao seu entorno, precisamos levar em conta uma contemplação maior de questões de fora para dentro, de um olhar para além das metodologias e entender que essa abertura é essencialmente reconhecer o conhecimento gradual dos alunos, que se fomenta também fora da escola, é reconhecer o conhecimento prévio deles.

## **Resultados e Discussão**

Quando os professores cogitam sobre o uso das tecnologias, pensam sobre as carências estruturais da escola, a respeito da sociedade de informação, dos processos de industrialização e os impactos negativos para a vida, minando as possibilidades de utilizá-las eficazmente em sala, porém, um campo tão plural e diversificado de estudo, que penetra tanto nas nossas vidas cotidianas, seja no âmbito do trabalho ou do lazer, e que nos diz sobre nossas representações e subjetividades, influenciando até nossa capacidade de cognição, como é o campo de estudo das tecnologias midiáticas e de recepção, deve, por essas polaridades mesmo, ser desvelado também dentro das instituições de ensino.

Ao passo que, pelas nossas experiências e práticas educativas, um aluno interpela a aula trazendo colocações sobre o que leu através de meio digital, ou o que absorveu assistindo a um filme ou teledramaturgia, numa clara tentativa de alusão com o conteúdo que está sendo



ministrado, é prova mais que cabal que as tecnologias midiáticas têm um alcance real sobre a educação, elas são conhecimento factual. Precisamos reconhecer que

As pessoas que vivem a vida escolar, como alunos, professores, gestores e setor de serviços, são usuários das mídias e estão envolvidos com suas mensagens, técnicas e linguagens. A televisão tem sido a mídia mais presente na vida social e, conseqüentemente, os que estão na escola estudando ou trabalhando trazem, à vida da escola, suas percepções e significados que dão ao que vêm na TV. (TOSCHI, 2005, p. 41)

É por essa razão que o estudo das tecnologias midiáticas na escola deve ser repensado e encarado como um forte concentrador de atenções, pois muitas vezes as aulas expositivas não têm alcance fora da escola, neste sentido, os alunos não encontram possibilidades de aplicabilidade do conhecimento, já as tecnologias midiáticas estão presentes no subconsciente dos alunos tanto dentro, como fora da sala de aula. Trazer luz a esse debate é afirmar que não se pode fechar os olhos para aquilo que permeia a vida social fora dos muros das instituições de ensino e que respondem também sobre o que é e como se constitui conhecimento.

## **Conclusões**

Situamos neste trabalho algumas problemáticas que se colocam diante das práticas educativas em relação às tecnologias midiáticas. Ao colocar em perspectiva o uso das tecnologias no ensino e o papel que a tecnologia midiática ocupa na atualidade, queremos reiterar que a educação em tempos modernos não se faz de maneira indissociável do que se apresenta como novo, isto é, a tecnologia é parte constitutiva do conhecimento, ela é conhecimento vivenciado a todo o momento, por todos nós, dentro e fora das instituições formadoras.

Desta maneira, integrar as tecnologias nas práticas educativas é não somente considera-las como alternativas e suporte para o melhoramento da aprendizagem, mas tomá-las, de fato, como condição real da construção do conhecimento, onde em tempos atuais se faz ensino-aprendizagem. Aqui foi trazida a proposta de refletir e de promover aulas onde o intuito é fecundar no aluno uma aproximação entre conteúdo e aplicabilidade, para que assim ele encare o conhecimento não apenas no campo das ideias e abstrações, mas como algo palpável e que tem uma função transformadora sobre sua condição de indivíduo pensante e atuante.

Visamos, ao considerar o papel das tecnologias midiáticas, acalorar os debates futuros sobre a educação, evidenciando as implicações para a aprendizagem, e questionando,



implicitamente, como promover o ensino sem considerar as facetas e conjunturas da atualidade.

### **Referências Bibliográficas**

FISCHER, Rosa Maria Bueno. 2002. “Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação”. **Revista Brasileira de Educação**, 20: 83-94.

LIBÂNEO, José Carlos. 1994. **Didática**. São Paulo: Cortez;

SARLO, Beatriz. 2004. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ.

LUCKESI, Carlos Cipriano. 1997. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez.

TOSCHI, Mirza Seabra. 2004. Educação para as mídias: conceito, relação com a educação e experiências. Vários Autores. **Todos os contos – verificação do imaginário infanto-juvenil: uma experiência de educomunicação**. Goiânia: Ayvú-etã Comunicação e Projetos.

\_\_\_\_\_ 2005. Tecnologia e educação. Contribuições para o ensino. **Série – Estudos – Periódico do Mestrado em Educação UCDB**, 19: 35-42.